



O MACAQUEIRO

O MACAQUEIRO - Julho, Agosto, Setembro/1999

Ano I - nº 3

Nosso Recado



A última enchente cobriu tudo. A água subiu tanto que muitos tiveram que se mudar para as cidades ou terras altas mais próximas. Perderam-se roças, plantações e animais.

O banheiro dos grandes barcos destruiu muitas casas. Faltou solidariedade e respeito dos donos de embarcações. Sem falar dos riscos das crianças caindo n'água, dos perigos com as cobras rondando as casas, das aulas suspensas e da ajuda governamental que não veio. Como disse o líder comunitário Afonso Carvalho: "**decretaram calamidade, mas eu mesmo não vi nenhuma ajuda chegando...**".

Passou a grande alagação e agora os moradores da várzea, já com roça plantada, esperam a hora de poder colher, fazer a farinha, saldar as dívidas e, se a sorte ajudar, fazer uma poupancinha. Assim, de esperança em esperança, o vargeiro vai levando a vida, recomeçando tudo de novo para criar seus filhos. O Macaqueiro entrevistou alguns assistentes do Projeto Mamirauá. Confira na página 3 o que eles dizem sobre a última enchente.

Apesar de todo o aperreio, várias comunidades decidiram guardar uma praia ou pelo menos a metade de uma praia, onde centenas de iacás, tracajás e tartarugas colocaram seus ovos. Em pouco tempo milhares de bichos de cascos estarão saindo das covas e correndo para as águas do Solimões e do Japurá.

Desde já, parabéns para os que acreditaram nesta proposta e vestiram a camisa da preservação. Com certeza, daqui a alguns anos a tartaruga, hoje quase extinta, vai assoalhar (colocar ovos na praia) novamente como naqueles tempos que já se foram...



Nesta Edição:



**Tecnologias Alternativas
A UTILIZAÇÃO DA ENERGIA SOLAR**



**Organização de Mulheres
ARTESANATO NA PRAÇA**



**LIBERAÇÃO DA PESCA DO PIRARUCU
PARA O PCP - SETOR JARAUÁ**

A MAIOR ENCHENTE DOS ÚLTIMOS ANOS

Novamente a várzea amazônica foi totalmente coberta pelas águas. É assim todo ano e o caboclo já sabe. Mas desta vez a enchente superou aquela de que se lembram os mais antigos, a de 1953. As dificuldades enfrentadas pelos ribeirinhos foram muitas. Confira algumas delas na entrevista com os assistentes de extensão do Projeto Mamirauá na página 3.

Foto: Ronnei Costa



Escola do Jarauá, Maio/99



Aconteceu

EQUIPE DE EXTENSÃO VISITA COMUNIDADES DA RESERVA

As comunidades da Reserva receberam em julho a visita de Edila Moura, coordenadora de extensão do Projeto Mamirauá, que esteve levantando os principais problemas que os moradores enfrentam com a alagação. Ela foi acompanhada pela Mercês Bezerra e dra. Lena Peres, que prestaram atendimento médico aos moradores e por Marise Reis, do Núcleo de Integração Política, que coletava informações para o cadastro das comunidades da Reserva.

Foto: Marise Reis



Comunidade de Santa Maria, Setor Tijuaca
Dra. Lena fazendo atendimento de saúde, Julho/99



WORKSHOP SOBRE ASSOCIAÇÃO

Enquanto prepara o Curso de Capacitação de Lideranças, a equipe de extensão do Projeto Mamirauá vem realizando workshops (encontros) internos para se informar melhor sobre formas de associações e cooperativas.

A atividade contou, inclusive, com a contribuição de Elcio Nunes, professor de contabilidade de Tefé, que ajudou a equipe a esclarecer vários pontos sobre estes assuntos.



O MACAQUEIRO

Esta é uma publicação trimestral do Projeto Mamirauá

Equipe responsável: Divino Azevedo, Ronnei Costa, Marise Reis e Andréa Pires

Jornalista responsável: Jimena Felipe Beltrão, Reg. Prof. 728 DRT/PA

Colaboram nesta edição: Divino Azevedo, Marise Reis, Andréa Pires, João Paulo Viana, Otacílio Brito, Marília Sousa e Ronnei Costa

Digitação, diagramação e ilustração: Ronnei Costa

Revisão final: Edila Moura

Impressão: Gráfica D'papel - Tv. Piedade, 249, Reduto 66.053-210 - Belém - PA. Fone: XX 91 222 2465 / 989 5707 e-mail: dpapel@amazon.com.br

Tiragem: 2000 exemplares

Correspondências: Projeto Mamirauá - Av. Brasil, 197, Juruá Cx. Postal 38 - 69.470-000 - Tefé - Amazonas - Brasil

Telefax: XX 92 743 2736 - e-mail: macaq@pop-tefe.rnp.br

Home page: www.cnpq.br/mamiraua

www.pop-tefe.rnp.br/mamiraua.htm

ESPAÇO DO LEITOR



O Macaqueiro tem a alegria de publicar um pequeno trecho da poesia sobre a enchente de 1999, escrita por Paulo Pedro Alves, do Bairro do Abial, em Tefé. A mesma foi divulgada no programa "Ligado no Mamirauá" em agosto.

"A enchente deste ano com grande impetuosidade acabou com os ribeirinhos sufocando até nossa cidade. O que se viu, meu amigo, foi uma grande calamidade.

O Amazonas se sabe, do mundo o mais caudaloso, tem água até pra exportar, mas, às vezes, se diz vergonhoso:

-Estamos no Ceará!

Pois na cidade de Tefé

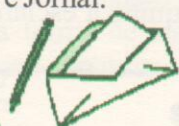
não tem água nem para banhar.

Poderia ainda escrever, aumentando esta poesia, mas vou ficar por aqui como peixe na maresia com medo duma nova enchente, que pode chegar de repente e o pobre entra noutra fria."



Escreva você também, comente um pouco sobre a nossa forma de divulgar o Projeto Mamirauá e dê sugestões para melhorarmos a nossa comunicação pelo Rádio e Jornal.

Estamos aguardando a sua carta. O nosso endereço está na coluna acima.

Tecnologias Alternativas:
A UTILIZAÇÃO DA ENERGIA SOLAR

Desde a implantação da Reserva, o Projeto Mamirauá busca desenvolver tecnologias que utilizem os recursos naturais sem prejuízo para o meio ambiente. Assim, o sistema de energia solar foi implantado nos flutuantes, barcos e bases do Projeto. Em 24 comunidades da Reserva que manifestaram interesse pelo funcionamento de aulas à noite, foram instalados kits solares (placa solar, bateria e lâmpadas), para esta finalidade.

Devido a algumas falhas na instalação e principalmente o mau uso do sistema pelos moradores, apenas em duas comunidades, Assunção e Vista Alegre, o sistema de energia solar ainda funciona. Parabéns pelo bom uso e cuidados. O que restou dos kits nas demais comunidades foi recolhido pelo Núcleo de Produção de Tecnologias Apropriadas, para serem recuperados e posteriormente reinstalados. Este núcleo, coordenado pelo Otacílio Brito vai realizar treinamentos nas comunidades a serem beneficiadas. Os comunitários aprenderão o que é energia solar, como e quando deve ser usada, como funciona cada peça do kit, como fazer sua manutenção e os cuidados em geral que se deve ter.

Desta vez o Projeto quer mais participação. Para isso as comunidades terão que assinar um Termo de Compromisso que prevê responsabilidades tanto do Projeto quando dos usuários.

O que é energia solar? O que é um Termo de Compromisso?

Quais as comunidades que vão ser beneficiadas?

No próximo número vamos contar tudo isso e muito mais. Aguarde o Macaqueiro 4.

EXPEDIÇÃO A
FONTE BOA

De 9 a 11 de agosto deste ano, uma equipe formada por Elizabeth Gama, Paulo Roberto, Marise Reis, José Maria e Ronnei Costa, do Projeto

Mamirauá, e pela Professora Maria Pereira, da Comunidade de Maguari, visitou a Cidade de Fonte Boa.

O objetivo foi estabelecer os primeiros contatos com a sociedade, para esclarecimento e divulgação das atividades do Projeto em busca de futuras parcerias.

Foi feita reunião na Prefeitura com a presença do Vice-Prefeito, Sebastião Lisboa, Secretário de Educação, Vicente P. Marinho e com o escritor Humberto Lisboa. O Prefeito Wilson Lisboa não se encontrava na cidade. Foi identificado um grande interesse pela questão do financiamento e participação dos estrangeiros no Projeto, assim como os benefícios que este trará para o município.

Na Escola "Waldemarina Rodrigues", a equipe fez duas exposições para mais de 700 alunos e professores. Entre os estudantes fez muito sucesso o depoimento da professora Maria Pereira, que empolgou pela espontaneidade ao falar sobre a história da atuação do Projeto na área, os avanços dos moradores contra os peixeiros e a determinação em preservar o que é das comunidades.

Na Câmara Municipal, falamos para aproximadamente 50 pessoas. Os vereadores presentes (quatro do total dos nove) prestaram seu apoio e deram opinião favorável à extensão do projeto para a área.

Foto: Ronnei Costa



José Maria, Exposição na Escola Waldemarina Ferreira, Agosto/99

A MAIOR ENCHENTE DOS ÚLTIMOS ANOS

O MACAQUEIRO procurou alguns assistentes do Projeto Mamirauá para conversar sobre a enchente deste ano. Muitos problemas ela causou, mas o povo continua a luta.

Afonso Carvalho (Vila Alencar), Antonio Martins (Jarauá) e Vavá Cavalcante (Icé) são assistentes do Núcleo de Integração Política, um programa conhecido antes como Participação Comunitária. Odinéia de Jesus (Canariá) e Robertino Gomes (Nova Colômbia) são assistentes do Núcleo de Apoio à Saúde. Francisco Andrade (Betânia) e Dora Lisboa (Betel) são assistentes do Núcleo de Educação Ambiental.

Foto: Paulo Roberto



Sítio São José do Amparo, casa do Sr. João Birica
Setor Barroso

O Macaqueiro: Quais os maiores problemas que a enchente trouxe para o povo?

Afonso: O problema maior que a enchente trouxe foi sobre a moradia. A água subiu muito e não teve condições dos moradores ficarem na própria casa.

Vavá: Teve vários problemas, não só da moradia, como também das plantações que foram perdidas. Os moradores que vivem na várzea vivem da produção que é temporária e esta produção foi toda perdida. Este foi o maior problema e vai continuar porque acabou tudo. Até que a terra saia e o ribeirão possa plantar e colher, vai demorar muito tempo.

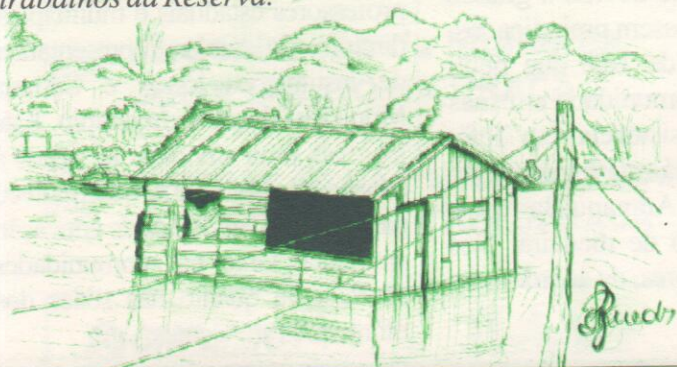
Antônio: A consequência disso é que nos próximos seis meses vai ser muito difícil para recuperar os prejuízos e mesmo a situação do dia-a-dia é muito complicada.

Odinéia: O problema da moradia foi grave. Além das casas alagadas, os barcos grandes não diminuíam a marcha e o banzeiro destruiu muitas casas.

Robertino: O que mais afetou as famílias da minha região foi a destruição das roças, as bananas que as pessoas tinham para o sustento, o alimento, e algumas casas que foram levadas pelas águas.

O Macaqueiro: E vocês no setor Tijuaca, como passaram com a enchente?

Francisco: Com muitas dificuldades. As casas todas no fundo, os trabalhos parados, algumas famílias tiveram que se mudar para Maraã, Tefé e Alvarães. Mas agora a água está secando e a gente espera poder continuar com os trabalhos da Reserva.



O Macaqueiro: Vocês conseguiram fazer os trabalhos de saúde durante a enchente?

Odinéia: Eu consegui, com muita dificuldade. A gente tinha que fazer tudo de barco ou de canoa. Consegui fazer só um pouco do trabalho.

Robertino: Foi muito difícil para todas as famílias. A água foi muito alta, acima do nível que a gente esperava. Mesmo com todas as dificuldades a gente conseguiu fazer alguma coisa. Eu tive que me mudar com a família para Alvarães, mas fazia sempre o trabalho nas comunidades, passando cinco dias, uma semana por lá.

O Macaqueiro: Teve casos de pessoas terem que sair da comunidade por causa da enchente?

Odinéia: Saíram algumas pessoas de Fonte de Luz. A líder da Pastoral da Criança teve que sair porque a casa dela foi totalmente pro fundo. Em Assunção o pessoal ficou, mas teve que se alojar na casa comunitária.

O Macaqueiro: Mesmo sendo em cima de canoa, o que você conseguiu fazer?

Odinéia: O trabalho de sempre: palestras sobre saúde, higiene bucal e o peso das crianças. Não deu para fazer uma reunião bem legal por causa da alagação.

O Macaqueiro: E os trabalhos de escola, como ficaram durante esse tempo de enchente?

Dora: Nossos trabalhos ficaram parados. Agora é que vamos recomçar.

Francisco: A gente teve que suspender as aulas. Ficou tudo alagado e era perigoso para as crianças ficarem indo e vindo para a escola.

Dora: Eu parei antes, porque ficava difícil para as crianças que tinham que vir por água. Fizemos um acordo com os pais para a gente parar e foi bom ter parado, porque logo veio a enchente e afundou o assoalho e ficou sem condições de dar aula. Ainda estamos parados, porque a comunidade ficou sem escola. Os comunitários vão construir uma casa comunitária pra eu dar aulas até a prefeitura fazer uma nova casa de escola.

No próximo número O Macaqueiro vai trazer uma matéria especial sobre preservação de praias. Serão divulgados os nomes das comunidades e das pessoas que acreditaram e trabalharam por essa tão importante causa.

Organização de Mulheres I Artesanato da Praça

O Núcleo de Apoio à Produção Econômica do Projeto Mamirauá, a Associação dos Clubes de Mães de Tefé, o Centro Inter escolar Madre Ofélia e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), promoveram o primeiro "Artesanato na Praça", no dia 21 de maio, na Praça Túlio Azevedo, em Tefé.

Foto: Ricardo Ferrão



O público pôde conhecer, prestigiar e comprar o artesanato produzido pelas Organizações de Mulheres das Comunidade de Vila Alencar,

Jarauá, Nova Colômbia, Novo Pirapucu e Boca do Mamirauá; Clubes de Mães de Tefé; Índias Katukina; Centro Inter escolar Madre Ofélia e artesãos locais. Entre os produtos vendidos tinha cestaria, louças de barro, madeira, tecido, quadros, artefatos, colares, pintura, comida regional e doces, entre outros.

Muita gente esteve lá prestigiando e aplaudindo a apresentação do Grupo de Capoeira. O evento teve também o apoio de empresários locais e a Rádio Comunitária do Projeto Mamirauá comandou a animação no sol e na chuva. O "I Artesanato na Praça" firmou seu sucesso e comprovou sua viabilidade. Este evento deverá se repetir regularmente na mesma praça, criando assim um espaço cultural de divulgação e promoção do artesanato local.

EXTRAÇÃO DE MADEIRA SEM PLANO DE MANEJO É ILEGAL

A extração de madeira na Reserva Mamirauá, este ano, foi maior do que no ano passado, o que já era esperado com a grande cheia. Como a madeira não foi retirada dentro de um Plano de Manejo, a exploração foi irregular. Na comunidade de Aiucá, Setor Horizonte, embora os comunitários tivessem conhecimento de que a extração sem Plano era ilegal e que a madeira estaria sujeita à apreensão, foi onde ocorreu a maior retirada.

O IBAMA tomou conhecimento do fato e apreendeu cerca de 600 árvores. Mas em um caso inédito, por causa da situação de dificuldade da Comunidade devido à grande cheia, resolveu fazer um acordo para que os envolvidos não fossem prejudicados. Assim, após a apreensão, a madeira foi doada à Prelazia de Tefé que ficou encarregada de vendê-la e com parte da renda, auxiliará a comunidade em suas necessidades. A outra parte será doada a uma entidade assistencial em Tefé.

Para evitar que esta situação se repita, o Projeto Mamirauá está implantando este ano o Manejo Florestal Comunitário nos setores Tijuaca, Aranapu/Barroso e Mamirauá. Esta é a única forma de legalizar a exploração de madeira. Nos próximos anos, as atividades serão estendidas aos demais setores, de acordo com o interesse das comunidades.

Foto: Luiz C. Marigo



LIBERAÇÃO DO PIRARUCU PARA PESCADORES DO JARAUÁ - PCP

O IBAMA/Amazonas concedeu uma autorização especial para a pesca manejada do pirarucu ao Projeto de Comercialização do Pescado (PCP), do Setor Jarauá. Até novembro, o PCP tem licença para pescar três toneladas de peixe de medida. Essa pesca será controlada e acompanhada pelo IBAMA e por técnicos do Projeto Mamirauá.



Foto: Arquivo Estúdio

O pirarucu vai ser pescado através de um sistema de rodízio de lagos. O Setor tem 31 lagos, que foram divididos em seis grupos com cinco ou seis lagos. Cada grupo de lagos será despescado em um determinado ano. Por exemplo, esse ano os lagos Samaúma, Cedrinho, Lobinho, Tucunaré, Poço do Matá-Matá e Poço do Jaraqui, serão despescados. Depois, eles ficarão de pousio durante cinco anos. No próximo ano, um outro grupo de lagos será usado e depois ficará de pousio por cinco anos também, e assim por diante até o sexto grupo.

Através desse novo sistema de pesca, o Projeto Mamirauá e o IBAMA querem ver o que vai acontecer com a quantidade de pirarucus no Jarauá. Se a quantidade de peixe aumentar, o que acreditamos que vai acontecer, é possível que o Projeto e o IBAMA passem a adotar esse mesmo sistema em outros lugares para beneficiar outros setores da reserva.



Aconteceu

I ENCONTRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Realizou-se entre os dias 15 e 17 de julho em Uarini, o I Encontro de Educação Ambiental, promovido pelo Núcleo de Educação Ambiental (NEA) do Projeto Mamirauá. O evento contou com a participação de 28 professores estaduais e municipais, diretores de escolas, representantes de instituições locais e Câmara Municipal daquele município. Esta foi mais uma atividade de apoio à educação, que o NEA desenvolveu para intensificar ações de educação ambiental tanto nas comunidades da Reserva quanto nas sedes dos municípios adjacentes.

Nessa época de seca, o risco de doenças aumenta. Prevenir sempre é o melhor remédio. Por isso tome muito cuidado com a água de beber e de preparar a comida. Use sempre água filtrada ou fervida. Em caso de dúvida, procure o Agente de Saúde da sua Comunidade.